

Avaliando a Experiência sob o Enfoque da Extensão Universitária

Este capítulo realiza a avaliação dos princípios e resultados da experiência do *Projeto Aprender a Nadar* sob o foco das políticas nacionais que envolvem a extensão e a formação universitária, além das premissas que sustentam a realização profissional na área da saúde, em especial, da Educação Física. Discute-se a extensão com fator nucleador e integrador das ações de ensino, pesquisa e da prática de ensino profissionalizante. Confronta-se, ao longo do texto, um conjunto de ponderações sobre o desenvolvimento do conhecimento, seus referenciais técnicos e socio-culturais, e o estímulo para o desenvolvimento de habilidades comunicativas, cooperativas e reflexivas envolvidas com o papel da ação interdisciplinar dos profissionais educadores, dos alunos e dos usuários dos serviços de extensão.



6.1 Formação universitária dirigida à solução dos problemas da comunidade

A história recente, relativa aos fatos e às conseqüências que atingem a organização social das populações na última década, notadamente as dos países desenvolvidos e envolvendo em maior escala os subdesenvolvidos, expõe um conjunto de **mudanças paradigmáticas**^G sobre os tradicionais modelos de produção de bens e do conhecimento. Estas são capazes de interferir em diversos aspectos do processo social, especialmente sobre a atual forma de transmissão cultural.

Entre as diversas inovações experimentadas em grande escala populacional, destaca-se a facilidade de acesso individualizado à informação por meios eletrônicos, caracterizada pelo uso disseminado da internet. O exercício dessa prática gera, como subproduto ainda pouco dimensionado, a **ampliação de acesso ao conhecimento**, popular e científico, facilitando a mais pessoas o entendimento dos problemas que atingem toda a sociedade, capacidade essa antes atribuída sobretudo aos cidadãos iniciados nos “rituais” teóricos e metodológicos dos saberes universitários.

De forma semelhante, no entanto, construídas sobre o conceito de integração do conhecimento popular e científico, vemos que as ações em extensão – entre elas os programas voltados a um objetivo comum, os projetos de caráter educativo, social, cultural, científico e tecnológico – favorecem participação efetiva da comunidade. As pessoas passam a atuar não apenas como elementos receptores de informação acabada e pronta para o consumo, mas como agentes

G Termo conceituado no Glossário

geradores de novas questões, estas capazes de reorganizar as premissas de estruturação de uma pesquisa ou estratégia de ensino (Unicamp, 2000). Ao mesmo tempo que cumpre marco significativo de democratização dos produtos gerados na universidade, **a experiência com a extensão estimula no pesquisador o redirecionamento de seus projetos de pesquisa e de suas atividades ligadas ao ensino**, para a busca e a disseminação de conhecimento que confronta com a realidade de sua comunidade, facilitando a atualização em seus referenciais socioculturais (SESu-MEC, 2000/2001).



A extensão estimula no pesquisador o redirecionamento de seus projetos de pesquisa e de suas atividades ligadas ao ensino, para a busca e a disseminação de conhecimento que confronta com a realidade de sua comunidade, facilitando a atualização em seus referenciais socioculturais.

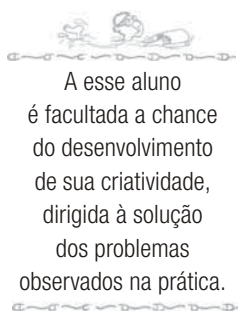


Se o pesquisador-professor mostra-se diretamente sensibilizado pela experiência com a extensão, ampliando sua perspectiva de integração didática e científica, podemos avaliar o impacto dessa experiência também sob a ótica do aluno de graduação.

O ensino tradicional, mesmo o universitário, salvo algumas exceções, centra-se na recepção passiva de informações e na reprodução de procedimentos, atos esses desprovidos de reflexão profunda sobre os fundamentos teóricos e metodológicos que sustentam essa prática. Nesse contexto, a interpretação de fatos e a vinculação da teoria aos dados reais depende, essencialmente, da vivência e experimentação desenvolvida pelo professor, o qual baseia sua argumentação, modo geral, em abordagens que se demonstraram efetivas para a resolução de antigos problemas.

Por outro lado, ao aluno de graduação que participa da extensão, abre-se a possibilidade de ampliar seus horizon-

tes acadêmicos para a utilização de nova informação e de promover a integração desta aos conhecimentos absorvidos nas diversas disciplinas e aos problemas reais que se apresentam durante a prática, antevendo, inclusive, condições da realidade de sua futura ação profissional, tendo a adequada orientação do professor coordenador.



A esse aluno, ainda imerso nas perspectivas de integralização dos créditos, realização do trabalho de monografia e inserção no mercado de trabalho, **é facultada a chance do desenvolvimento de sua criatividade, dirigida à solução dos problemas observados na prática.**

Isso também estimula a proposição de abordagens inovadoras, apreendidas com a experiência da realização curricular e a vivência acadêmica. Experiência interessante capaz de ilustrar estas possibilidades, não concebida originalmente pelos docentes responsáveis pelo *Projeto Aprender a Nadar*, desenvolveu-se entre os monitores que, diante de usuários receosos em cumprir as atividades propostas, propuseram a realização de atividades lúdicas, durante a primeira parte das suas aulas. Os usuários, envolvidos pelos novos desafios, tornaram-se mais receptivos aos conteúdos originalmente propostos, aceitando e participando intensamente de todas as novas propostas aplicadas pelos monitores.

O aluno com experiência na extensão certamente **potencializa seu empenho** para a futura busca de vínculo profissional nas áreas de atuação da Educação Física. Após sua formatura, confronta-se com a luta pela inserção no mercado ou a manutenção da atividade profissional. Nos dias atuais, os conceitos de carreira e emprego formal tor-

nam-se cada vez mais etéreos, sobretudo para aqueles não vinculados no serviço público, tradicional campo de atuação onde essas condições ainda perduram.

A experiência com a extensão vem sendo cada vez mais valorizada, tendo em vista a diversidade de novas frentes



Foto 1 Vivência acadêmica.

de trabalho multidisciplinar, característica das atividades ligadas à área da saúde, e outros campos inovadores da Educação Física, como o ecoturismo e os esportes realizados em contato com a natureza.


Tais diferenciais curriculares podem ser decisivos para garantir maior empregabilidade, em especial quando sofremos o impacto dos efeitos deletérios da chamada “nova ordem mundial” e da adoção de modelos de regulação das relações do Estado, capital e meios de produção (Almeida, 1996).

Numa análise realista dos efeitos da globalização, percebemos que as reservas de mercados de atuação do profissional de Educação Física, antes garantia da colocação quase automática dos recém-formados nas profissões tradicionais, hoje mostram-se insipientes em assegurar as colocações para esses alunos, parecendo virtual a idéia de emprego, trabalho e produção.


Cria-se perspectiva, até certo ponto assustadora, da possibilidade de as funções serem exercidas por indivíduos que demonstram a capacidade e a habilidade para a execução dos serviços, não sendo imprescindível o diploma para realizar a maioria das atividades que precisam ser efetuadas.

Nesse quadro de mudanças paradigmáticas tão radicais sobre importantes aspectos que atingem a educação, vemos que **o processo pedagógico deixa de apresentar natureza baseada, exclusivamente, na mera reprodução dos conhecimentos** acumulados pelas gerações.

O profissional almejado disporá de capacidades que favoreçam a transformação dos dados de sua prática em novas formas de interpretação da realidade e uso de metodologias para criar novo conhecimento, tendo em conta a complexidade dos problemas que atingem e modificam, constantemente, as relações e inovações em nossa sociedade.



Estimula-se assim reflexão constante do aluno e do professor sobre as possibilidades de vinculação da formação básica e aplicada.



Atividades de extensão, integradas a realizações curriculares, proporcionam a alunos de graduação o desenvolvimento das habilidades comunicativas e cooperativas essenciais para o manejo dos desafios diários que se apresentam em práticas desse tipo. Estimula-se assim reflexão constante sobre as possibilidades de

vinculação da formação básica e aplicada, sobre os amplos e sofisticados contextos em que se originam e devem ser solucionados os problemas. Facilita-se, nessa condição, o estabelecimento da interação com a sociedade “seja para situar-se historicamente, para se identificar culturalmente e/ou para referenciar sua formação técnica com os problemas que um dia terá que enfrentar” (SESu/MEC-Plano Nacional de Extensão Universitária, 1999).

As ações em extensão, vividas por alunos em contextos participativos e integradores como os descritos, proporcionam **experiência pedagógica interdisciplinar**, voltada para a aproximação dos conteúdos das áreas que compõem o conjunto de conhecimentos desenvolvidos em cada projeto específico em sua futura atuação profissional. Durante a execução do *Projeto Aprender a Nadar*, vimos que a participação de duplas de monitores acompanhando as turmas facilitou a troca de experiências entre alunos, estimulando a discussão das estratégias pedagógicas diante das situações vividas na prática.

A experiência interdisciplinar deve possibilitar o exercício de capacidades e habilidades que favoreçam a adaptação a novos contextos socioculturais, a avaliação sobre os procedimentos adotados, a reflexão crítica sobre os contextos éticos e de responsabilidade social, além da retroalimentação do processo de formulação de mudanças que propicie o aprimoramento da prática e integração ao processo pedagógico e científico.

No entanto, apesar de todos os possíveis benefícios proporcionados pela aplicação integrada de ações em extensão, vale ressaltar a possibilidade da materialização de condições de risco para a efetivação de um projeto pedagó-



Foto 2 Atuação dos monitores no Projeto Aprender a Nadar.

gico modelo. Trata-se da especialização prematura, possível de ocorrer nos anos iniciais de formação do graduando, e que não parece adequada por gerar no aluno a falsa ilusão de maior competitividade na vida profissional. **A especialização precoce pode estimular o excessivo interesse discente por apenas um aspecto ou conteúdo** e afastá-los do processo de fundamentação dos principais conceitos-chave, presentes na formação generalista que, comumente, se desenvolve nos primeiros anos universitários.

Vale ponderar, ainda, a importância de vincular estudantes mais adiantados na integralização curricular aos programas de extensão. Esses estudantes, de forma geral, detêm visão mais consolidada sobre as estratégias pedagógicas apropriadas a cada situação inovadora encontradas e maior bagagem teórica sobre os processos técnicos que utilizarão para solucionar problemas e atingir os objetivos definidos.

Apresenta-se, entretanto, a possibilidade bastante controversa da participação de primeiro-anistas na condição de promotores de atividades de orientação, acompanhamento e avaliação da prática nos projetos de extensão. Nesse caso, recomenda-se extremo cuidado ao coordenador do projeto em se permitir vinculação dessa ordem, tendo em conta os riscos associados à aplicação de procedimentos técnicos sem a devida fundamentação teórica e metodológica. Há riscos de incorporar vícios didáticos inconsistentes com a prática científica, que se espera seja respaldada pela experiência do orientador e pela consolidação dos processos de ensino e aprendizagem.



Esses estudantes – mais adiantados na integralização curricular – de forma geral, detêm visão mais consolidada sobre as estratégias pedagógicas apropriadas a cada situação inovadora encontradas e maior bagagem teórica sobre os processos técnicos que utilizarão para solucionar problemas e atingir os objetivos definidos.



Outro importante estímulo proporcionado pela experiência com a Extensão apresenta-se sobre o potencial desenvolvimento de capacidades exigidas pelos muitos novos desafios da vida profissional.

Recentemente, **os departamentos gerenciadores dos recursos humanos**, notadamente em situações de avaliação e contratação, têm minimizado a importância do conceito de cargos com atividade estabelecida ou posições que exijam experiência na mesma função. **Passam a valorizar as habilidades pessoais como a liderança, visão sistêmica e criatividade.** Esse novo modelo tem sido denominado de “gestão por competência”, em que as instituições consideram a motivação e a criatividade importantes atributos dos profissionais que pretendem contratar. Acreditam que esses aspectos potencializam mudanças no interior da organização, direcionadas à eficiência das etapas de criação, projeto, produção, aperfeiçoamento, qualificação e avaliação dos resultados. São observadas, também, as formas de relacionamento pessoal e as características comportamentais, aspectos esses capazes de diferenciar o profissional em uma área de prestação de serviços ou relações externas da instituição. Obviamente, deixa de existir remuneração padrão para todos que, teoricamente, poderiam pertencer ao mesmo nível, sendo atribuído salário individualizado em função das capacidades reais para exercer múltiplas ações.

A questão que estimula a conjugação de esforços entre educadores e administradores – **qual é o perfil do profissional que iremos formar?** – nos remete, mais uma vez, à reflexão sobre a importância do processo pedagógico, sustentado pelo conceito de integração das atividades de ensi-

no, pesquisa e extensão. Certamente, o aluno que possa viver parte da realidade profissional, ao longo dos anos da formação acadêmica na graduação, atuando na extensão, terá maiores oportunidades de se preparar para os desafios que são renovados a cada mudança do cenário de relações conjunturais do mundo e na própria sociedade.

Os diferentes contextos políticos e econômicos experimentados pela sociedade brasileira, nas últimas décadas, foram suficientes para imprimir nos indivíduos um conjunto de incertezas sobre os verdadeiros significados do processo pedagógico e das formas de concretização de objetivos, pela simples aplicação de métodos de ensino consagrados pelos tempos. A universidade, por sua vez, de modo geral, concentrou esforços acadêmicos para a formação almejada pelo mercado, reagindo de forma tímida às mudanças determinadas pela nova ordem mundial, cujos resultados são hoje observados em toda a sociedade minimamente organizada.

Nota-se, nesse novo ambiente organizacional, certa demanda por profissionais capazes de perceber os problemas, estruturar modelos, implantar processos, aplicar metodologias, corrigir os rumos da ação planejada e avaliar os efeitos, visando promover a imediata reformulação do processo e atingir os níveis de qualidade desejados.

Um novo modelo pedagógico, que busque estimular essas qualidades exigidas pelo real, formando o profissional que controla os processos e aprimora os métodos de aplicação de procedimentos, valoriza as abordagens que conduzem o aluno ao envolvimento ativo para a resolução dos problemas e construção do conhecimento.

Vê-se que uma das possíveis soluções para esses desafios pode ser encontrada ao se promover aproximação dos conteúdos curriculares, ainda na fase de elaboração das propostas de criação ou de reformulação dos cursos de graduação. Materializa-se esse objetivo ao envolver o corpo docente na estruturação de metas comuns, quase sempre relacionadas à efetivação de abordagens que solucionem problemas específicos. A exemplo de nossa área de Educação Física, o estabelecimento de conteúdos culturais do movimento como o jogo, a dança, as lutas, o esporte e a ginástica, entre outros ligados à formação específica ou à formação básica, facilitam a delimitação temática e a definição dos problemas específicos que podem ser abordados pelas diferentes disciplinas que compõem a estrutura curricular. Cabe discutir, inclusive, a possibilidade de inserção de disciplinas ou momentos de relatos de experiências entre docentes, alunos e comunidade com objetivos de síntese entre conteúdos, idéias e perspectivas.

As experiências vividas no *Projeto Aprender a Nadar*, destacadamente aquelas havidas no interior do segmento recentemente implantado para a Hidroginástica Monitorizada para senhoras do Jardim São Marcos – bairro próximo à Unicamp composto basicamente por comunidade carente – levam a repensar o currículo, integrando as diversas frentes de ações da universidade na formulação e na implementação de amplas políticas de desenvolvimento dos conteúdos, tendo como objeto central os problemas vividos pelas pessoas, que propiciem imediata aplicação ao campo profissional e favoreçam as possibilidades de vinculação com a fundamentação teórica e metodológica de domínio dos professores. Adota-se, assim, postura integrada para a análise

dos conteúdos específicos da área, envolvem-se alunos e docentes em atividades e objetivos comuns e estimula-se a participação comunitária, abrindo-lhe espaço para aduzir questões, interesses e participar da resolução de problemas reais (UNESP – Circuito PROGRAD, 1995).

As ações em extensão contribuem, nesse aspecto, para oferecer atualização imediata e constante sobre as mudanças que são referidas pelas pessoas, consideradas as devidas modulações, refletem, em pequena escala, os amplos movimentos promovidos pela adaptação cultural das sociedades. Mais ainda, o contato do aluno com a extensão facilita a inserção de conteúdos já aprendidos e o torna receptivo às disciplinas que o esperam na realização curricular futura.

Diante da aplicação de novas abordagens pedagógicas, prevê-se a obtenção de resultados diferenciados daqueles que, comumente, encontram-se em grande número de cursos universitários, em que o educando não detém responsabilidades concretas no processo ensino-aprendizagem, atuando apenas como espectador dos atos protagonizados pelo livro e pelo professor.

As novas propostas integradoras dirigem a realização curricular para formar o estudante apto para atuar na extensão, participar das aulas de forma ativa e pesquisar os processos, com domínio da percepção das situações-problema, capacitado para buscar informações e elaborar novas formas de abordagem dos desafios que enfrenta no início de sua trajetória profissional, participação social e aprimoramento cultural.



As novas propostas integradoras dirigem a realização curricular para formar o estudante apto a atuar na extensão, participar das aulas de forma ativa e pesquisar os processos, dominando a percepção das situações-problema.



6.2 Diretrizes curriculares e a valorização das atividades de extensão

Estimuladas pelas orientações produzidas no Fórum Nacional de Pró-reitores de Graduação – ForGrad – de maio de 1999, e pela coordenação da Secretaria de Educação Superior, SESu–MEC, as comunidades acadêmicas e as entidades representativas das classes profissionais têm discutido, nos últimos anos, propostas de orientações de conteúdos curriculares para reestruturação dos cursos de graduação no país (ForGrad, 2000).

Tais diretrizes, especificamente dos cursos da área da saúde, na concepção da SESu–MEC “devem permitir que os currículos propostos possam construir perfil acadêmico e profissional com competências, habilidades e conteúdos, dentro de perspectivas e abordagens contemporâneas, de formação pertinentes e compatíveis com referências nacionais e internacionais, capazes de atuar com qualidade, eficiência e resolutividade, no Sistema Único de Saúde (SUS), considerando o processo da Reforma Sanitária Brasileira”.

Essa abordagem conceitual evidencia o objeto de **construção curricular fundamentada no binômio “formação acadêmica – atuação profissional” dirigida para resolver os problemas** que se apresentam em sua prática. As diretrizes curriculares, segundo essa concepção, propõem a estruturação de projetos pedagógicos visando o desenvolvimento de habilidades em pesquisa e do estudo continuado, orientados à resolução dos problemas, como se apresenta a realidade que se deverá encontrar na área de ação profissional. Os alunos são estimulados para atuar com autonomia e discernimento, proporcionando atenção e humanização do atendimento a indivíduos, famílias e comunidades.

De forma geral, espera-se que as novas configurações curriculares adaptem-se às demandas sociais, tecnológicas e culturais da sociedade, conferindo maior autonomia às instituições de ensino superior na definição dos currículos de seus cursos, considerando as competências e as habilidades que se desejam desenvolver.

Projeta-se, também, que as novas propostas possam se adaptar à dinâmica das demandas da sociedade, em que a graduação deixa de se configurar como a etapa final do processo de formação profissional e passa a constituir-se, em mais um momento de formação, com perspectivas de continuidade no processo de educação permanente.

Incentiva-se, ainda, a proposição de estruturas curriculares que propiciem sólida formação geral, práticas de estudo independente, o aproveitamento do conhecimento, habilidades e competências adquiridas fora do ambiente escolar, **a articulação da teoria com a prática**, valorização da pesquisa individual e coletiva, assim como os estágios e a participação em atividades de extensão, as quais poderão ser incluídas como parte da grade horária.

Esse último aspecto, em particular, permite que se perceba o diferencial proporcionado por essa concepção de estruturação curricular, em que são valorizadas as atividades complementares como as monitorias e estágios, cursos realizados em áreas afins, programas de iniciação científica, atividades de extensão e estudos complementares.

As atividades de extensão, segundo essa concepção de estrutura curricular, passam a desempenhar importante fun-



[...] a graduação deixa de se configurar como a etapa final do processo de formação profissional e passa a constituir-se em mais um momento de formação, com perspectivas de continuidade no processo de educação permanente.



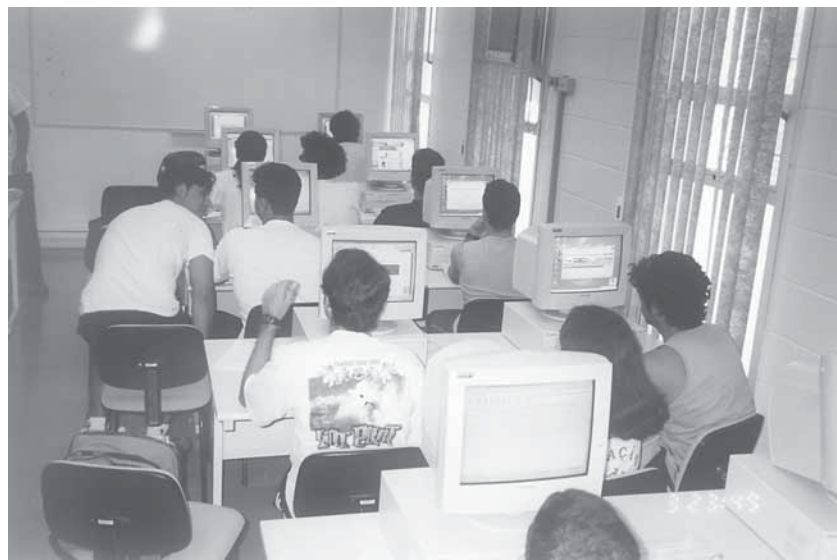


Foto 3 Práticas acadêmicas complementares.

ção integradora do binômio “formação acadêmica – atuação profissional”. Nossa experiência com o *Projeto Aprender a Nadar* nos proporcionou a experiência dessa integração em interfaces acadêmicas como a iniciação científica, financiamento de bolsa de pesquisa pela Fapesp e elaboração de trabalhos de conclusão de curso, além da vinculação de alunos a programas de pós-graduação, como resumido no Quadro 6.1.

Criar possibilidades na extensão, em especial em nossa área de Educação Física não chega a se caracterizar como desafio para o corpo docente de uma instituição, tendo em vista a ampla experiência com atividades de recreação, esportes e jogos que permeiam a vida profissional na área: o desafio apresenta-se quando se busca estruturar os métodos de avaliação do aproveitamento dos conhecimentos adquiridos pelo aluno por meio de estudos e práticas independentes.

Quadro 6.1 Atividades acadêmicas desenvolvidas por monitores do *Projeto Aprender a Nadar* no período 1998–2002

ALUNO(A)	ANO	ATIVIDADE/CARACTERIZAÇÃO
Thais Adriana Cavalari	1998	Trabalho de Conclusão de Curso: “Vivenciando o conhecimento: compromisso com a extensão” Faculdade de Educação Física da UNICAMP
Patrícia Heleno Faustino	1999	Trabalho de Conclusão de Curso: “A importância da fase de adaptação no processo ensino-aprendizagem de natação” Faculdade de Educação Física da UNICAMP
Juliana Clemente	1999	Apresentação de Poster em Congresso da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada: “O nadar como uma opção de lazer na terceira idade”
Thais Adriana Cavalari	1999	Apresentação de Poster em Congresso Reebok University/Fitness Brasil: “ <i>Projeto Aprender a Nadar</i> : o ensino, a pesquisa e a extensão”
Luane Margarete Zanchetta	2001	Bolsa de iniciação científica da FAPESP com o projeto: “A influência da hidroginástica na melhora das variáveis de aptidão física relacionadas à saúde em mulheres na menopausa com e sem reposição hormonal”
Ana Paula Martins Vicentin	2002	Bolsa de Iniciação Científica concedida pelo PIBIC/CNPq: “Explorando modelo de treinamento em hidroginástica: estudo de aplicação pelo monitoramento da intensidade de esforço pelo freqüencímetro”
Carla Cristina Cuoco Léo	2002	Bolsa de Iniciação Científica concedida pelo PIBIC/CNPq: “Integrando pesquisa e extensão: análise de demandas do <i>Projeto Aprender a Nadar</i> da FEF/UNICAMP”



Foto 4 Aprendizagem dos diferentes estilos na natação.

Acredita-se que a solução não se resume à aplicação de simples avaliações dissertativas, mas deve ser dirigida antes mesmo que o estudante venha a se interessar por atividades complementares. A materialização do processo de avaliação entre a extensão, o ensino e a pesquisa, pode iniciar-se pelos estudos sobre os conteúdos fundamentais necessários para a vinculação aos programas ou projetos de extensão. No caso específico do *Projeto Aprender a Nadar*, a disciplina MH 411-Pedagogia e Esportes-Natação proporciona os elementos fundamentais “relacionados a procedimentos pedagógicos que levem a uma vivência e aprendizagem da natação, com ênfase na natureza dos movimentos básicos e através de atos motores” (Unicamp, 2002).

A vivência do processo de inserção e desenvolvimento da prática, por si mesma, é capaz de promover um conjunto de estímulos eliciadores de novas questões diante das dificuldades que se apresentarão, conduzindo o aluno à fase de problematização. Nesse ponto do processo, espera-se o cuidado do corpo docente para estimular as habilidades investigativas na busca de fundamentação teórica e proposição de novas abordagens para contornar as dificuldades observadas na realização do projeto ou programa de extensão.

A fase da aplicação das inovações testa a capacidade adaptativa do estudante para administrar as tematizações surgidas com o contato renovado com a comunidade. Consideram-se, a seguir, as fases de constatação dos resultados advindos da introdução de novas condições de oferecimento das atividades de extensão, reflexão sobre os efeitos relatados pela comunidade e, finalmente, a realimentação do processo, dirigindo o aluno para a efetivação dos produtos acadêmicos que modificarão os oferecimentos em exten-

são, a estruturação de trabalhos para publicação e direcionamento para a realização de disciplinas complementares, estágios curriculares e trabalhos de conclusão de curso. O *Projeto Aprender a Nadar* desenvolve atividade de avaliação aplicando questionários aos frequentadores do projeto, no início e no fim do semestre, visando conhecer as expectativas no momento de inserção, níveis de satisfação com a realização do programa proposto, condição perceptível de saúde, grau de desenvolvimento das capacidades e habilidades e condição geral de bem-estar, conforme pistas mais gerais apresentadas no Capítulo 1.

Diante de todos esses fatos até aqui relatados, evidenciando a importância da extensão para fundamentar formação curricular integrada aos problemas vivenciados pela sociedade, pensa-se ser valiosa a discussão das perspectivas de expansão do campo de atuação profissional na área, buscando o conhecimento das possibilidades de realização de ações integradas.


A atuação da Educação Física vem apresentando expansão acentuada nos últimos anos, acesso a equipamentos de menor custo e o reconhecimento da sociedade sobre a importância da realização dos conteúdos específicos da área, com maior fundamentação teórica sobre os benefícios físicos, emocionais e para o bem-estar geral ligado à prática de atividade física orientada.

Adiciona-se a esses fatos, maior expectativa da sociedade, dos educadores e administradores sobre os benefícios advindos da implantação de programas preventivos de agravos à saúde, principalmente, sobre condições patológicas relacionadas aos sistemas locomotor, cardiovascular e ao controle do sobrepeso e obesidade (Gonçalves, 2001). A execução com-


petente da orientação específica da atividade física para pessoas acometidas por doenças e limitações, como as citadas, tem resultado em tomada de consciência geral sobre a imprescindível presença do profissional de Educação Física na equipe multiprofissional de saúde^G. Além disso, a regulamentação da profissão, ocorrida em 1998, foi acompanhada da criação dos Conselhos Federal e Regionais (Lei nº 9.696 de 1º de setembro de 1998).

Soma-se, também, o reconhecimento legal da Educação Física como área profissional da saúde, segundo Resolução nº 218 do Conselho Nacional de Saúde, homologada em 6 de março de 1997. Tal posição sustenta-se por argumentação que amplia a compreensão do processo saúde/doença como decorrência das condições de vida e trabalho, a importância da atuação sinérgica de multiprofissionais na abordagem dos programas de promoção da saúde, bem como por ser esta uma das questões fundamentais promotoras da integridade da atenção à saúde e da participação social.

Tais demandas originadas na área da saúde e da própria regulamentação profissional **passam a exigir da Educação Física o desenvolvimento de ações organizadas e fundamentadas por pesquisa científica**, em espaços diferenciados e com abordagens inovadoras – diferenciadas das tradicionais atuações na docência em educação básica e licenciatura e no esporte/treinamento e condicionamento físico – como as recentes conquistas de atuação em áreas



A execução competente da orientação específica da atividade física para pessoas acometidas por doenças e limitações [...] tem resultado em tomada de consciência geral sobre a imprescindível presença do profissional de Educação Física na equipe multiprofissional de saúde.



^G Termo conceituado no Glossário

como lazer, recreação, esportes radicais e ligados à natureza, gestão e administração de empreendimentos físico-esportivos, aptidão física, saúde e qualidade de vida, sobretudo, baseadas no constante aperfeiçoamento técnico e científico.

Outro aspecto significativo, a evidenciar o esforço para desenvolvimento científico na área, é observado pela ampliação do corpo de pesquisadores, com o fortalecimento da pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado) ocorrida nos últimos dez anos (Gonçalves, 1993). Como decorrência de todas essas mudanças, acredita-se na crescente valorização dos profissionais da Educação Física pelo domínio de conceitos básicos e metodologias científicas aplicáveis a grupos de pessoas com múltiplos interesses nos conteúdos da área. Estes abrangem ampla gama de especificidades nas diferentes situações ligadas à reabilitação e controle de doenças e agravos já instalados. Também incluem a tradicional



Foto 5 Curso de especialização.

atuação dirigida à educação da comunidade no desenvolvimento de capacidades físicas, esportivas, emocionais, sociais, promoção de valores culturais e relativos à cooperação.

Importante fator que elevará a demanda pelo trabalho em Educação Física já se faz sentir com a mudança do perfil etário populacional mundial e brasileiro. As estatísticas atuais e as projeções para os próximos anos e décadas indicam aumento da frequência de pessoas situadas em faixas etárias entre os quarenta e setenta anos, em contraste com a diminuição de número de jovens e crianças.

Isso implica maior necessidade de ações preventivas e acompanhamento de agravos que acometem as articulações, o sistema cardiovascular e outras condições que exigirão cuidados prolongados para as pessoas idosas. Além disso, a maior participação da sociedade em atividades esportivas e de lazer tende a levar à atuação mais intensa de profissionais de Educação Física na prevenção de distúrbios e lesões dos sistemas muscular e esquelético dos indivíduos.

Modo geral, não apenas a área de atuação da Educação Física deve enfrentar desafios nos próximos anos. As perspectivas estabelecidas por estudiosos da área pedagógica sobre as mudanças no mundo do trabalho, em amplo espectro, indicam o fortalecimento da demanda por profissionais que interagem de modo direto com os usuários. Segundo essas projeções, nos próximos anos, deve diminuir o número de vagas na agricultura e na indústria e ser elevado o número de postos nos setores de comércio e serviços. Nestes últimos crescerá a demanda pelas profissões ligadas à saúde, lazer, educação, viagens, hospedagens, alimentação, entretenimento, seguros, administração, importação, exportação e atividades financeiras não-bancárias.

6.3 A extensão na área da saúde e a atuação do profissional de educação física

De acordo com os argumentos desenvolvidos neste texto, fica clara uma avaliação positiva da extensão direcionada à educação acadêmica diferenciada, para a formação de profissionais capacitados à atuação questionadora, reflexiva e voltada para a resolução de problemas e ao estudo permanente. Percebe-se, também, a necessidade do aprimoramento de novas proposições curriculares integradoras, dirigidas para a síntese do conhecimento popular e acadêmico, incluindo, com destaque, a extensão como “locus” privilegiado para perceber este universo de relações, tão especificamente profícuo para influenciar algumas fases do processo de integração da universidade com a comunidade.

As abordagens integradoras, tendo por objeto a mobilização da sociedade em torno dos problemas por ela vivenciados, articulam-se inter-setorialmente, envolvendo diversos aspectos da administração participante no planejamento e execução de políticas públicas saudáveis. Neste ponto, a extensão pode facilitar o processo de integração de políticas voltadas à promoção da saúde,^G como indicado na I Conferência Internacional sobre a Promoção da Saúde,^G cujo texto produzido, a Carta de Ottawa (WHO, 1986), demonstra conjunto de indicações e conceitos que estimulam os países e organizações a desenvolver ações em saúde, incluindo a participação de toda a sociedade. O documento da Organização Mundial da Saúde define a promoção de saúde como: *“o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria*

G Termo conceituado no Glossário

da sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle desse processo”.

Já no campo educacional, faz-se interessante notar que alguns textos que fundamentam as diretrizes curriculares de cursos da área da saúde, já aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação, evidenciam a importância da participação social e das atividades que facilitem a interface de relações entre a universidade e a comunidade.

Outro aspecto, evidenciado pelas diretrizes curriculares de cursos da área da saúde, refere-se à priorização de programas de cunho preventivista como os objetivos definidos para direcionar as gestões vinculadas ao Sistema Único de Saúde (Artigo 5º da Lei 8.080/90)

A reflexão sobre as possibilidades de considerar os fatores como: o padrão adequado de alimentação e nutrição, habitação e saneamento, boas condições de trabalho, oportunidades de educação ao longo da vida, ambiente físico limpo, apoio social para famílias e indivíduos, estilo de vida responsável e cuidados de saúde adequados, temas para a abordagem integrada da extensão, amplia aos profissionais de Educação Física as perspectivas de atuação conjunta **à equipe multiprofissional de saúde**,^G pois os conteúdos de domínio de sua prática profissional facilitam a integração das diversas frentes setoriais, com grandes chances de atingir resultados motivadores para a manutenção de seu vínculo a esse novo campo de atuação.

Vale ressaltar a importância do desenvolvimento dos conteúdos específicos da Educação Física para a efetivação de vários desses fatores relacionados com a qualidade de

G Termo conceituado no Glossário

vida como os estudos para o desenvolvimento de capacidades e habilidades cognitivas, motoras e relacionais.

Concretiza-se, assim, a expectativa de participação dos múltiplos profissionais da equipe para a resolução conjunta dos problemas percebidos pela sociedade. Esta abordagem estimula o fortalecimento das ações individuais e comunitárias na cobrança dos órgãos públicos de condições ideais para a plena realização de suas potencialidades e a mobilização de grupos populacionais para as mudanças relacionadas à saúde e qualidade de vida.

Agrega-se a esse contexto a perspectiva da materialização do processo de integração da extensão ao ensino e à pesquisa, fruto não apenas da vontade exclusiva de um ou outro participante, docente ou aluno, mas sim de esforço sinérgico, baseado em princípios e conceitos que orientem a vivência, a aplicação, a reflexão e possam realimentar o processo em sua origem, finalidade e resultados.



[...] não se trata, apenas, de oferecer atividade de extensão que permita ao aluno experimentar a teoria no campo prático. As atividades de extensão envolvem conhecimento e aplicabilidade, fundamentados em proposição de princípios éticos que permeiem as relações a serem desempenhadas pelos participantes desta ação.



Vê-se que não se trata, apenas, de oferecer atividade de extensão que permita ao aluno experimentar a teoria no campo prático. As atividades de extensão envolvem conteúdos e aplicabilidade, fundamentados em proposição de princípios éticos que permeiem as relações a serem desempenhadas pelos participantes desta ação.

O Código de Ética dos Profissionais de Educação Física (CONFEEF, 2000) desenvolve interessante argumentação sobre a importância dos aspectos da profissão, evidenciados pelo conhecimento especializado e técnico e a competên-

cia especial para a devida aplicabilidade. Isto leva à reflexão sobre os diferentes elementos presentes na materialização do processo de integração do ensino, pesquisa e extensão. O mesmo documento indica que *“a aplicabilidade, traduzida pela atuação do profissional, deve apresentar uma dimensão política e outra dimensão técnica que, mesmo distintas, podem e devem estar sempre articuladas”*, o que se dá pela dimensão ética *“que define a condição de unicidade e indissociabilidade do conhecimento e habilidades na competência profissional”*.

Percebemos, sustentados pela experiência em vários projetos de extensão, que **a realimentação do processo, em sua base especializada e técnica, é suprida pela interligação das disciplinas curriculares com a extensão**, comumente aquelas ligadas ao núcleo de formação específica e vinculadas aos conteúdos próprios da área.

Diante das condições observadas na atual configuração de nossa sociedade – envolta por mudanças constantes em suas referências culturais e inovações tecnológicas, demandas para a formação de profissionais competentes para o fazer reflexivo e o aprendizado continuado, além da exigência crescente por produtos e serviços que atinjam níveis elevados de qualidade – vemos que, à Educação Física não basta o simples fazer técnico, desprovido de envolvimento político e científico, mas sim o engajamento profundo com o desenvolvimento dos saberes específicos que dão sustentabilidade à realização de ação ética frente à comunidade que a acolhe.

As atividades em extensão, fundamentadas pelos conceitos já discutidos sobre a integração com o ensino e a pesquisa e também da adaptação constante às mudanças socioculturais, **originam campo interessante para o con-**

fronto das exigências da sustentação científica dos conteúdos aplicados, frente à importância do fazer ético do profissional de Educação Física, dos docentes orientadores dos programas de extensão, dos alunos participantes do processo pedagógico e da comunidade, valorizada para interagir como receptora e modificadora do processo.

Os projetos e os programas dirigidos à atenção à saúde da comunidade são exemplo de intervenção para a mudança das condições de vida da população. Tem-se, como exemplo, a ampliação de abordagens de promoção da saúde, ensino de modalidades esportivas, estruturação de programas e jogos cooperativos e a aplicação de práticas de atividade física e exercício, utilizados como recursos de controle do sobrepeso corporal, condições de hiperglicemia plasmática ou variações da pressão sanguínea, em programas de extensão que envolvem a prática esportiva e a recreacional.

O aluno que participa desse tipo de programa de extensão se beneficia, também, ao perceber a importância de intervenção sobre a responsabilidade da atenção à saúde, quando esta não se resume apenas à simples aplicação da técnica, mas sim, com a resolução do problema de saúde pela abordagem sobre o indivíduo e a população.

Na Faculdade de Educação Física da Unicamp, conjunto de resoluções buscou normatizar ações de grupos temáticos em modalidades diversas aproveitando a experiência acumulada durante mais de quinze anos. As atividades ali desenvolvidas favorecem, lastreadas por fundamentação legal e institucional, a materialização da função educacional e social da universidade para orientadores, monitores e usuários (CODESP, 2000). Vê-se, assim, a valorização do educacional no âmbito das relações promovidas na área. Para os

participantes de programas vinculados à extensão, como também ao ensino e à pesquisa, a mediação efetiva de um órgão regulador pode gerar maior segurança e certeza sobre o embasamento teórico-metodológico e a seriedade de propósitos que entremeiam esta relação. Do outro lado, os idealizadores e os efetutores das orientações em extensão são compelidos a acompanhar as normatizações e os avanços científicos da área, visando proporcionar ações educacionais com a qualidade adequada às características específicas de cada grupo ou indivíduo.

As discussões disseminadas nos fóruns científicos e profissionais da área indicam-nos os desafios que enfrentaremos sobre a formação acadêmica, em especial a universitária. Os estudantes devem estar capacitados para desenvolver a constante reflexão diante dos problemas que se apresentarão na vida profissional, além de estarem aptos para elaborar respostas que atendam às expectativas dos clientes, fundamentadas em bases científicas e princípios éticos, segundo as referências culturais dominantes. **O desenvolvimento tecnológico apresenta-se renovado a cada dia, associado às mudanças dos paradigmas estabelecidos e intensa diversidade de novos saberes científicos com interfaces em múltiplas áreas.** Exige-se desse aluno rapidez, compreensão, autonomia e flexibilidade. Nos dizeres de Machado (1996), ao descrever as qualidades a ser desenvolvidas durante a formação profissional, deve ser salientada a formação do “generalista tecnológico” ou o indivíduo que domina conceitos-chave que permitem que esse profissional realize a síntese de suas habilidades voltadas para as atividades e desafios presentes no trabalho.



Nos dizeres de Machado (1996) [...], deve ser salientada a formação do “generalista tecnológico”, ou o indivíduo que domina conceitos-chave que permitem que esse profissional realize a síntese de suas habilidades voltadas para as atividades e os desafios presentes no trabalho.



Machado (1996) também indica a importância da amalgamação entre o fazer ético e o pedagógico como sendo alternativa para a missão das agências formadoras, frente à opção política de transformação “uma intervenção intencional, de corte educativo, e o pensar na construção do coletivo da organização”.

Nossa experiência com o “*Projeto Aprender a Nadar*”, nos certifica da valorização da extensão como fator de participação essencial na formação dessas habilidades e capacidades. Acreditamos que os princípios aplicados nesse projeto, tendentes à integração com o ensino e a pesquisa, possam viabilizar experiências de

qualificação e aperfeiçoamento, para profissionais atuantes no mercado e que buscam o exercício da síntese de suas ações orientadas para a solução de problemas individualizados, percebidos em sua prática.

Atividades integradas como as descritas assumem a importância do fazer ético, refletido na prática sustentada pela fundamentação científica e o desenvolvimento da capacidade de aprender a aprender. **Acredita-se que o estímulo a estas práticas**, não apenas para os já formados, mas também aos alunos de graduação **valorize a função da extensão como promotora do aprimoramento acadêmico, da pesquisa orientada aos problemas reais e o ensino participativo.**

A extensão, entendida como elemento agregador das ações acadêmicas, propicia ainda mudanças estruturais no fazer docente e em sua forma de compreensão do processo de ensino e aprendizagem. As questões relacionadas com a

atividade de orientação de alunos em programas de extensão trazem à tona interessante discussão que confronta, de um lado, as atuações “profissionais” desenvolvidas por alunos em processo de formação e, de outro, a responsabilidade do professor que acompanha e orienta tais ações. A mesma discussão polêmica é enfrentada por coordenadores de disciplinas de Práticas de Ensino ou Estágio Profissional Supervisionado, no entanto, com os atenuantes do referendo da vinculação à grade curricular e da própria tradição do ensino, especialmente o ligado às licenciaturas.



Foto 6 Aspectos da FEF/Unicamp – sala-de-aula.

Ao considerarmos o estabelecimento de atividades prioritárias, tendo em vista todas as etapas do processo formativo, devemos evidenciar a discussão sobre o processo de formação acadêmica instrumentalizada por práticas que demonstrem esses princípios de forma real, não

apenas como conjunto de códigos com alguns reflexos sobre a vida dos beneficiados pelos programas que envolvem a atividade física.

Sabe-se que isso depende da integração dos conteúdos, como já discutido, e de acompanhamento formal da evolução do aprendizado e materialização deste, com efeitos sobre as atuações do aluno em sua aplicação “profissional” durante a prática em extensão. Essa abordagem sobre a efetivação da apreensão dos conteúdos curriculares pode ser concretizada, sobretudo, se o docente coordenador das disciplinas de Práticas de Ensino ou Estágio Profissional Supervisionado tiver a experiência necessária para orientar o processo pedagógico. Isso é fortalecido se ele também conhecer as diversas nuances teóricas, metodológicas e os resultados de suas aplicações em programas de extensão. Tais programas e projetos comumente podem concentrar vários conteúdos e metodologias. **Parece que uma visão interdisciplinar é capaz de favorecer essa integração e conduzir o estudante para formação rica em abordagens integradas que promovam a evolução constante do conhecimento e atinjam níveis qualificados de execução prática.**

6.4 Questões para discussão

1. As atividades promovidas pelo *Projeto Aprender a Nadar* representam um exemplo de integração entre disciplinas de graduação, expectativas da comunidade e interesse de alunos pelo ensino e também pela experiência aplicada. Questiona-se serem apenas esses os limites possíveis desta integração?
2. O Plano Nacional de Extensão (1999-2001) enfatiza a importância das práticas de extensão para definir equilíbrio entre as demandas originadas pela sociedade e as inovações do trabalho acadêmico desenvolvido na universi-

- dade. É possível acreditar que o simples desenvolver da extensão resulta no equilíbrio da expectativa social e busca pela inovação acadêmica?
3. Defende-se, ao longo deste capítulo, a estruturação curricular dirigida à integração das ações de ensino, extensão e pesquisa, acreditando-se que essa abordagem pedagógica seja fundamental à formação profissional. É, realmente, importante para docentes e alunos o envolvimento com atividades de extensão?
 4. Os desafios sociais vividos pelas comunidades podem ser mais bem enfrentados pelos estudantes partindo de sua vinculação e experiência em projetos de extensão?
 5. Os alunos de pós-graduação são sempre beneficiados pelo envolvimento com as atividades de extensão?

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, José Luis Vieira de. "Globalização e Universidade: dimensões da crise e perspectivas de superação". In: *VI Circuito PROGRAD: O profissional formado por seu curso está preparado para as exigências da nova ordem mundial?* (org.) Celestino Alves da Silva Junior. São Paulo, Pró-reitoria de Graduação da UNESP, 1996, p.77-89.
- CODESP – Resolução COMEX n. 12/1999. In: *A extensão em educação física na UNICAMP, 1998-2000: textos norteadores e complementares.* (org.) Gonçalves, Aguinaldo. Campinas: Codesp, 2000.
- CONFED – Resolução 025/00. *Código de Ética do Conselho Federal de Educação Física.* Diário Oficial da União. 18 de agosto de 2000.
- FORGRAD. Fórum de Pró-reitores de Graduação das Universidades Brasileiras. *Indicadores de avaliação e qualidade na graduação.* Oficina de Trabalho de Campinas/SP, 16 a 18 de agosto de 2000.
- GONÇALVES, Aguinaldo. "Extensão, Grupos Temáticos e Escola de Esportes: reflexões e evidências a partir da Faculdade de Educação Física da Unicamp". *Motivivência* 12(16):139-54, 2001.

- GONÇALVES, Aguinaldo. "Limitações e possibilidades da produção científica da Educação Física/Ciências do Esporte no Brasil". *Ciência & Tecnologia* 2(3):79-84, 1993.
- MACHADO, Lourdes Marcelino. "Mercado global: a esfinge do presente". In: *VI Circuito PROGRAD: O profissional formado por seu curso está preparado para as exigências da nova ordem mundial?* (org.) Celestino Alves da Silva Junior. São Paulo, Pró-Reitoria de Graduação da UNESP, 1996, p. 91-105.
- SESU/MEC. PLANO NACIONAL DE GRADUAÇÃO. *Um projeto em construção*. XII Fórum Nacional de Pró-reitores de Graduação das Universidades Brasileiras. Ilhéus/BA. 1999. 35p.
- SESU/MEC. PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Edição Atualizada. Fórum de Pró-reitores de Extensão das universidades públicas brasileiras e SESU/MEC, 2000/2001.
- UNESP. Circuito PROGRAD (3; 1995; São Paulo) Anais do III Circuito PROGRAD: *O projeto pedagógico do seu curso está sendo construído por você?*, 17 de maio de 1995. São Paulo, Pró-reitoria de Graduação, UNESP, 1995 .
- UNICAMP. *A extensão na UNICAMP: conceitos, áreas temáticas e linhas programáticas, esforço organizacional, produção 1999*. (org.) Edson Corrêa da Silva. Campinas. Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da UNICAMP, 2000.
- UNICAMP. Catálogo dos cursos de graduação 2002. Campinas, SP, Unicamp/Pró-reitoria de Graduação, 2002.
- WHO 1986. Carta de Ottawa, p.11-8. In: Ministério da Saúde/FIOCRUZ. Promoção da saúde. Cartas de Ottawa, Adelaide, Sundvall e Santa Fé de Bogotá. Ministério da Saúde/IEC, Brasília, 1986.